

Homenagem

.....

*

DOI: <https://doi.org/10.34619/iyff-4sav>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6742-9408>

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Literaturas Românicas /
/ Centro de Estudos Clássicos, 1600-214 Lisboa, Portugal.

vanastacio@edu.ulisboa.pt

Maria Teresa Horta (1937-2025)

Uma homenagem

VANDA ANASTÁCIO*

Em Dezembro de 2024 a BBC incluiu Maria Teresa Horta numa lista das 100 mulheres mais inspiradoras do mundo^[1]. O impacto da sua vasta obra e a coerência da postura crítica que adoptou ao longo da vida na defesa da liberdade e dos direitos das mulheres tornaram-na uma personalidade incontornável.

Nascida em 1937, Horta publicou os seus primeiros poemas aos 19 anos, em plena ditadura do Estado Novo, no jornal *República* e no *Diário de Lisboa*. Pode dizer-se que, nesta primeira fase da sua carreira, se destacou no meio cultural lisboeta: foi dirigente do Cineclube ABC de Lisboa, publicou o seu primeiro livro de poesia – *Espelho Inicial* (1960, edição de autor) – e integrou o grupo de jovens autores do projecto “Poesia 61”. Em Fevereiro de 1968, foi uma das raras mulheres convidadas a integrar a equipa do jornal *A Capital*.

Foi neste periódico que Maria Teresa Horta iniciou a sua longa carreira no jornalismo, que decorreu em paralelo com a actividade de poetisa, romancista e activista em prol da condição feminina. Entre Março de 1968 e Março de 1972, a autora foi responsável pelo suplemento *Literatura e Arte* de *A Capital*, funções que deixou de exercer em 1972, quando a Censura proibiu a publicação de textos assinados com o seu nome e pressionou o jornal para o seu despedimento (Faustino, 2014).

A proibição vinha na sequência da interdição de dois livros anteriores: *Minha Senhora de Mim*, de 1971, um conjunto de 59 poemas em que Horta

1. <https://www.bbc.co.uk/news/resources/idx-4f79d09b-655a-42f8-82b4-9b2ecebab611>

revisitava formas e textos da literatura portuguesa canónica e os tomava como ponto de partida para a reivindicação do direito das mulheres à autonomia, à experiência do corpo e ao discurso sobre a sexualidade: e *Novas Cartas Portuguesas*, de 1972, uma obra ficcional inspirada nas *Lettres portugaises* e na figura da sua presumível autora, Mariana Alcoforado, que Maria Teresa Horta escreveu em colaboração com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa. Se *Minha Senhora de Mim* fora retirado da circulação por ofensa “da moral tradicional da nação”^[2] e motivara a agressão física à autora, na rua, pela polícia política, a publicação das *Novas Cartas Portuguesas* deu origem a um processo judicial por “ofensa à moral pública”, que teve um enorme impacto internacional.

O processo das “Três Marias” – como ficou conhecido – levou à condenação do Governo português por intelectuais proeminentes como Simone de Beauvoir, Doris Lessing ou Iris Murdoch e despertou a atenção de periódicos como *Le Monde*, *Le Nouvel observateur*, a revista *Time* ou o *New York Times*. Foi a Revolução do 25 de Abril que veio pôr termo à escalada de tensão em torno do caso, com uma última audiência em tribunal ocorrida em Maio de 1974, na qual as autoras foram absolvidas (Amaral, 2013; Amaral & Freitas, 2015).

Seduzida pelo discurso libertário adoptado pelo Partido Comunista Português a seguir à Revolução dos Cravos, Maria Teresa Horta aderiu ao Partido logo em 1974. Durante os catorze anos que permaneceu entre os seus membros, teve oportunidade de colaborar com a imprensa apoiada por essa força política, assumindo uma página dedicada a temas relacionados com as mulheres no jornal *O Diário*, fundado em 1975, e dirigindo a revista *Mulheres*, entre 1978 e 1989. O cariz feminista e eclético que imprimiu a esta publicação ocasionou tensões entre a escritora e os representantes da estrutura partidária, que viam como uma ameaça o tratamento de temas ligados à sexualidade ou a atitude de denúncia sistemática de mecanismos de dominação masculina que também existiam no seio do próprio partido. Afastada destas publicações, Maria Teresa Horta integrou, no início da década de 1990, a equipa do *Diário de Notícias*, onde permaneceu até 2007. Em simultâneo, foi publicando artigos de cariz cultural e feminista nas revistas *Marie Claire* e *Magazine Artes*.

2. Segundo os autos de apreensão que se preservam no processo de Maria Teresa Horta conservado no arquivo da PIDE-DGS na Torre do Tombo em Lisboa. Cf.: Pedrosa (2019) e Dias (2013).

Apesar de o jornalismo ter sido uma actividade relevante na trajetória de Maria Teresa Horta, foi sobretudo a sua obra poética e a sua actividade como ficcionista que lhe garantiram a adesão de um público que, década após década, se foi renovando e mantendo interessado nas suas obras, enchendo os lançamentos dos seus livros e continuando a rever-se na denúncia de situações de desigualdade de género e na defesa dos valores libertários e humanitários que estes veiculam.

Um dos aspectos mais marcantes da obra de Maria Teresa Horta é, precisamente, a forma como foi construindo a sua identidade literária e se foi projectando no espaço público como porta-voz da condição das mulheres. Entre *Espelho Inicial*, o seu primeiro livro, e *Minha Senhora de Mim*, a obra censurada em 1971, Maria Teresa Horta foi consolidando uma voz autoral, reivindicadora do direito a uma palavra assumida a partir do lugar do feminino, capaz de nomear o que a sociedade cala, de expor o que se convencionou esconder e de denunciar o inaceitável na condição feminina. A proibição de *Minha Senhora de Mim* pela censura do Estado Novo pode ver-se como uma prova da novidade e da consistência deste projecto. Sobre esse livro, Ana Luísa Amaral afirmou que “a voz poética, claramente identificada como feminina reivindicava o direito a falar do corpo, do desejo e da sexualidade da mulher” (Amaral, 2010). Na época, tratava-se de uma ousadia, que pôde ser encarada e entendida como um acto político (Amaral, 2004).

A mesma ousadia e vontade de dar voz às mulheres e de criar um discurso capaz de se opor à hegemonia da palavra masculina se observa na escolha que faz Maria Teresa Horta, para assunto da poesia, de temas “femininos” chocantes ou indizíveis, como a menstruação, em *Rosa Sangrenta* (1987), ou a repressão e a violência sobre as mulheres, em *Mulheres de Abril* (1977). A mesma denúncia da subalternidade do lugar social e culturalmente atribuído às mulheres e das violências físicas e psicológicas que este implica se observa nas obras em que Maria Teresa Horta se distinguiu como romancista, como *Ambas as Mãos sobre o Corpo* (1970), *Ana* (1974), *Ema* (1984) e *A Paixão segundo Constança H.* (1994), ou o monumental romance *As Luzes de Leonor* (2011a), que pode ser considerado a sua obra-prima.

O final da carreira como jornalista parece ter estimulado um maior investimento de Maria Teresa Horta na sua actividade como autora. A escritora continuou a produzir, a um ritmo verdadeiramente alucinante, obras de poesia e de ficção que desafiam as fronteiras formais, conceptuais,

ideológicas e estéticas da literatura portuguesa contemporânea. Títulos como *As Palavras do Corpo – Antologia de Poesia Erótica* (2012), *A Dama e o Unicórnio* (2013), *Meninas* (2014), *Anúncias* (2016), *Poesis* (2017), *Estranhezas* (2018) e *Paixão* (2021) representam marcos inovadores num percurso consistente.

Vale a pena assinalar o modo como Maria Teresa Horta revisita literariamente as mulheres do passado na sua obra ficcional, procurando reconstituir factos e circunstâncias das suas vidas e, simultaneamente, questionando, de forma crítica, poética e emocional, o discurso historiográfico produzido sobre elas. O gesto fundador desta dinâmica de criação parece ter sido Mariana Alcoforado, sobre a qual assenta o universo simbólico das *Novas Cartas Portuguesas*, de 1972, composto em parceria com Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno (Horta, Barreno & Velho da Costa, 1972). A freira de Beja, seduzida e abandonada no século XVII por um soldado francês de passagem pela localidade, é ali usada como ponto de partida para uma reflexão em dois tempos (o tempo do passado e o tempo do presente) acerca do lugar, do estatuto e da condição das mulheres portuguesas. Pela acção transformadora da escrita, Mariana Alcoforado torna-se numa alegoria das consequências da universalidade e da perenidade da dominação masculina³. A nível simbólico, o seu encerramento é o de todas as mulheres encerradas, o seu abandono o de todas as abandonadas, o seu desamparo o de todas as desamparadas e votadas ao descaso, em todos os tempos e em todos os lugares.

Encontram-se processos semelhantes em outras obras de Maria Teresa Horta, nomeadamente em *Mulheres de Abril*, de 1976, no âmbito da qual procede ao questionamento do discurso jornalístico relatando actos de violência cometidos sobre as mulheres, para chegar à reflexão e à denúncia da universalidade desses mesmos actos (e também da passividade social acerca dos mesmos) (Horta, 1975). No entanto, é sobretudo em obras produzidas na última década, que a autora se debruça sobre personagens históricas femininas.

É possível que a pesquisa documental realizada ao longo dos anos que dedicou à composição de *As Luzes de Leonor* (2011) tenha impulsionado esta dinâmica de reflexão sobre a História e o discurso historiográfico. Neste sentido, são reveladoras algumas das declarações feitas por Maria Teresa Horta

3. Usamos a expressão no sentido em que é empregada por Pierre Bourdieu (2013).

em entrevistas concedidas por ocasião da publicação desse livro, acerca da sua abordagem da biografia de D. Leonor de Almeida Portugal (1750-1839), a 4.^a Marquesa de Alorna: “não sou uma biógrafa, sou uma escritora. E a poetisa que há em mim andou por ali à solta. Não ponho mordanças, grilhões, algemas na poetisa, quando escrevo ficção” (Horta, 2011b).

Nesta ordem de ideias, vale a pena reflectir sobre o modo como surgem representadas no romance algumas personagens setecentistas que a historiografia vilipendiou, anulou ou apagou, como a Marquesa Velha de Távora, a Marquesa Nova de Távora (que foi amante do rei D. José I), a Condessa do Vimieiro, D. Teresa de Melo Breyner, a rainha D. Maria I ou D. Carlota Joaquina. Em *As Luzes de Leonor* é-lhes atribuída uma espessura emocional e reflexiva que permite à autora interrogar as imagens redutoras que delas foram transmitidas à posteridade e as acusações simplistas de adultério, loucura ou maldade. A estas figuras, podemos acrescentar outras, que a história esqueceu, como D. Maria Rita, a irmã da Marquesa de Alorna que viria a ser Condessa da Ribeira e terá sido vítima da violência física de um marido cuja brutalidade era conhecida; Gonçala, nome inventado para uma figura mencionada na correspondência da jovem Marquesa de Alorna ao pai, durante os anos de encerramento no convento de Chelas; ou D. Henriqueta da Câmara, casada com o 3.^o Marquês de Alorna, que os contemporâneos descreveram como uma mulher mal amada, imolada pela família a um matrimónio sem amor (Bombelles, 1979).

Na pena de Maria Teresa Horta, estas mulheres surgem dotadas de personalidades complexas, por vezes contraditórias, nunca facilmente classificáveis, e esse esforço de complexificação funciona como um verdadeiro ajuste de contas com o modo implacável como a memória e o discurso historiográfico tenderam a encarar as mulheres e a reproduzir ideias feitas e preconceitos de género.

Este trabalho, simultaneamente de historicização e de actualização, é central no romance *As Luzes de Leonor* e nas narrativas curtas publicadas avulsas e em volume durante e depois da redacção deste romance; lembremos, por exemplo, a revisitação e subversão da “lenda negra” associada à figura de D. Carlota Joaquina nas narrativas breves “O Retrato”, “A Princesa Espanhola” e “Inocência Perdida” incluídas em *Meninas* (Horta, 2015). Aí reencontramos a preocupação, fundamental no trabalho de Maria Teresa Horta, de questionar o lugar do feminino, opondo-se a uma visão redutora

que constrói as mulheres como seres superficiais, passivos, silenciosos e assexuados. No magnífico cenário de época construído em *As Luzes de Leonor* e nas narrativas curtas situadas em ambientes históricos disseminadas por entre os contos de *Meninas*, movem-se mulheres que dão voz às dificuldades da condição feminina: mulheres injustiçadas, como a 2.^a Marquesa de Távora; incompreendidas, como a 4.^a Marquesa de Alorna, D. Leonor; vítimas de violência, como a Condessa da Ribeira, D. Maria Rita; resignadas, como D. Teresa de Melo Breyner; privadas de liberdade, como a personagem Gonçala; mal-amadas, como Henriqueta de Alorna; poderosas, como Carlota Joaquina; sensíveis, como D. Maria I; esvaziadas da sua identidade, como Leonor de Lorena; caluniadas, como a Marquesa Nova de Távora. A todas é devolvida, pelo poder da escrita ficcional, a dignidade e, na maior parte dos casos, a força interior, ainda que todas se movam num clima de tragédia anunciada, que os presságios adensam e os acontecimentos confirmam.

A evocação dessas personagens femininas e da dimensão, a um tempo trágica e humana, dos seus destinos permite a Maria Teresa Horta estabelecer pontos de contacto entre elas, o tempo em que viveram e as mulheres do momento presente, uma ponte possibilitada pela permanência, a invariabilidade e a semelhança das vicissitudes e assimetrias associadas à condição feminina. Trata-se de uma espécie de passagem de testemunho, cuja continuidade se anuncia para a geração seguinte, de novo por semelhança de situações. A longa duração da desigualdade, a repetição dos mesmos estereótipos e das mesmas “lendas negras” associadas às mulheres são aspectos que a revisitação da História proposta pela autora permite dar a ver. Maria Teresa Horta oferece, assim, aos seus leitores a possibilidade de uma leitura alternativa da História, criando um espaço de reversão do discurso dominante e levando a cabo uma empresa justiceira que abrange uma ampla cadeia temporal e se prolonga até aos nossos dias. Apoia-se, para o efeito, numa galeria de figuras, que compõem uma genealogia feminina de que ela própria é, a um tempo, a criadora e o elo final.

Com opiniões próprias que fez sempre questão de exprimir sem reservas, mesmo quando iam contra posturas ideológicas institucionalizadas ou consensuais, Maria Teresa Horta foi muitas vezes incómoda, provocadora ou, como gostava de dizer, “desobediente” (ver Reis, 2024).

Ainda assim, a sua obra e a sua trajectória foram objecto de distinções públicas: em 2011, com o romance *Luzes de Leonor*, venceu o Prémio

D. Dinis, que a escritora se recusou a receber das mãos do então primeiro-ministro Pedro Passos Coelho^[4]; em 2014 recebeu o Prémio Consagração de Carreira pela Sociedade Portuguesa de Autores, e em 2017, o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores na categoria de melhor livro de poesia pela obra *Anunciações*; em 2021 obteve o Prémio Literário Casino da Póvoa-Correntes d'Escritas pelo livro *Estranhezas*. Em 2024 foi-lhe atribuído o Prémio Rodrigues Sampaio da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto e, em 2025, o Prémio Elina Guimarães, pela Ordem dos Advogados, a título póstumo.

Em reconhecimento oficial do seu percurso singular, foi condecorada pelo Estado português em 2004 com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique; em 2020, com a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura; e em 2022, com o grau de Grande-Oficial da Ordem da Liberdade.

REFERÊNCIAS

- Amaral, A. L. (2013). Literatura e mundo em “Novas Cartas Portuguesas”: o azulejo dos tempos [Literature and the world in ‘New Portuguese Letters’: the tiles of the times]. *ELyra*, 1, 5-24.
- Amaral, A. L. (2010). Breve introdução [Short introduction]. In M. T. Horta, M. I. Barreno & M. Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas* (pp. xv-xxvi). D. Quixote.
- Amaral, A. L. (2004). Cumprir limites não cumprindo as regras: o excesso na poesia de Maria Teresa Horta [Complying with limits by not complying with the rules: excess in the poetry of Maria Teresa Horta]. *Relâmpago*, 14, 131-133.
- Amaral, A. L., & Freitas, M. (2015). *As Novas Cartas Portuguesas entre Portugal e o Mundo* [The New Portuguese Letters between Portugal and the World]. D. Quixote.
- Bombelles, M. (1979). *Journal d'un ambassadeur de France au Portugal (1786-1788)*. Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France.
- Bourdieu, P. (2013). *A dominação masculina* [Masculine domination]. Relógio d'Água.
- Dias, A. S. (2013, Novembro). Maria Teresa Horta. Eu sou a minha poesia [Maria Teresa Horta. I am my Poetry]. Ler.

4. https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/nao_aceitaria_um_premio_de_ninguem_deste_governo_nem_do_presidente_da_republica

- Faustino, M. J. (2014). Maria Teresa Horta jornalista: percurso, memória e circunstâncias [Maria Teresa Horta, journalist: journey, memory and circumstances]. *Comunicação Pública*, 9(15). <https://doi.org/10.4000/cp.635>
- Horta, M. T. (2021). *Paixão* [Passion]. D. Quixote.
- Horta, M. T. (2018). *Estranhezas* [Strangenesses]. D. Quixote.
- Horta, M. T. (2017). *Poesis*. D. Quixote.
- Horta, M. T. (2016). *Anúncios* [Announcements]. D. Quixote.
- Horta, M. T. (2014). *Meninas. Contos* [Girls. Short stories]. D. Quixote.
- Horta, M. T. (2013). *A dama e o unicórnio* [The lady and the unicorn]. D. Quixote.
- Horta, M. T. (2012). *As palavras do corpo – Antologia de poesia erótica* [The words of the body – Anthology of erotic poetry]. D. Quixote.
- Horta, M. T. (2011a). *As luzes de Leonor* [The lights of Leonor]. D. Quixote.
- Horta, M. T. (2011b, Junho). Entrevista ao *Jornal de Letras*, 1061, 7.
- Horta, M. T. (1994). *A paixão segundo Constança H* [Passion according to Constança H]. Bertrand.
- Horta, M. T. (1987). *Rosa sangrenta* [Bloody rose]. Nova Nórdica.
- Horta, M. T. (1984). *Ema*. Rolim.
- Horta, M. T. (1970). *Ambas as mãos sobre o corpo* [Both hands on the body]. Publicações Europa-América.
- Horta, M. T. (1977). *Mulheres de Abril* [Women of April]. Editorial Caminho.
- Horta, M. T. (1974). *Ana*. Futura.
- Horta, M. T. (1960). *Espelho inicial* [Initial mirror]. Ed. de autor.
- Horta, M. T., Barreno, M. I., & Velho da Costa, M. (1972). *Novas Cartas Portuguesas* [New Portuguese Letters]. Estúdios Cor.
- Pedrosa, A. B. (2019, 25 de Novembro). Maria Teresa Horta: a censura de “Minha Senhora de Mim” (1971) [Maria Teresa Horta: the censorship of ‘Minha Senhora de Mim’ (1971)]. *Esquerda*. <https://www.esquerda.net/dossier/maria-teresa-horta-censura-de-minha-senhora-de-mim-1971/63645>
- Reis, P. (2024). *A desobediente* [The disobedient]. Contraponto Editores.

Data de submissão/Submission date: 16/06/2025

Data de aprovação/Approval date: 20/06/2025

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license.